

Elixir da longa vida

A população de idosos cresce no Brasil, demonstra disposição para gastar e descobre oportunidades de realização física, sexual, intelectual e profissional. Por **Robinson Borges**



N o longa-metragem "O Outro Lado da Rua", atualmente em cartaz, Fernanda Montenegro interpreta uma mulher de mais de 70 anos que se recusa a incorporar o estereótipo das senhoras de sua faixa etária. Briga pelo reconhecimento de suas habilidades acumuladas com a experiência, se apaixona pelo vizinho, vive só e sem ajuda financeira. É uma consumidora que desfruta da mais absoluta independência nas ruas do Rio de Janeiro, conhecida como a Flórida brasileira pelo grande número de velhos que circula em suas calçadas litorâneas.

Apesar de a personagem ser uma obra de ficção, criada pelo diretor Marcos Bernstein, ela pode ser vista como um retrato fiel da terceira idade. Em número crescente, os idosos demonstram disposição e condição para gastar e descobrir oportunidades de realização física, sexual, intelectual e profissional.

Pesquisas realizadas sobre o comportamento dos velhos no país revelam que a maioria das pessoas acima dos 60 anos é mulher, com uma renda que totaliza R\$ 90 bilhões ao

ano. O valor é o dobro da média nacional. Nas regiões metropolitanas esse montante é de R\$ 42 bilhões. A renda média mensal dessa população é de cerca de R\$ 900 e a proporção de pessoas que pertencem às classes A e B é maior do que a média nacional — 38% dos idosos fazem parte dessas classes, contra 29% do total nas regiões metropolitanas. Apesar de 70% dos segurados do Ministério da Previdência receberem R\$ 260 por mês, a terceira idade está em menor número nas classes D e E.

"Vale lembrar que 85% dos idosos têm renda própria e que 70% são chefes de família. Muitos deles contribuem, inclusive, com o orçamento de filhos e netos", diz Ricardo Silva, gerente de planejamento da Indicator GFK, que chegou a esses índices por meio do estudo "Panorama da Maturidade". O trabalho ouviu 1,8 mil homens e mulheres com mais de 60 anos nas regiões metropolitanas.

Para 60% dos entrevistados, o avanço da idade é visto de maneira positiva porque hoje há maneiras de agregar qualidade a esta fase. Eles têm, de fato, motivos para acreditar no futuro. De acordo com a Organização Mun-

dial da Saúde (OMS), o salto de centenários no planeta deve pular de 180 mil em 2000 para 3,2 milhões em 50 anos. Chegar aos 100 anos vai ser, portanto, 1.700% mais fácil.

Uma boa notícia é que o envelhecimento deverá vir não só com incremento de rugas, mas também financeiro. As melhores condições materiais no Brasil se intensificaram nos últimos 15 anos, quando os maiores ganhos reais de renda foram conquistados pelas faixas mais velhas da população: 57% para os que estão entre 70 e 75 anos em 2000, contra 9% das crianças até quatro anos.

Entre 1991 e 2000, enquanto a renda do trabalho caiu 8,5%, a parcela apropriada a títulos de pensão e aposentadorias subiu 54%. O perfil etário das mudanças das rendas revela ganho real de 102% das aposentadorias. Os dados são da Fundação Getúlio Vargas, que lançará índice de inflação de idosos. "A terceira idade foi a mais beneficiada nas questões afirmativas do Brasil a partir dos anos 90", diz Marcelo Neri, economista da FGV.

Dois pontos foram fundamentais para que a terceira idade chegasse aonde chegou: a



Investidores muito especiais: a maioria das pessoas acima dos 60 anos é mulher, com renda que totaliza R\$ 90 bilhões ao ano; o valor é o dobro da média nacional

Constituição de 1988, que implementou mudanças nas aposentadorias, e o Estatuto do Idoso, promulgado no ano passado. A carta garante o poder de compra de beneficiários previdenciários. “O Estatuto do Idoso demonstra uma certa preocupação da classe política em defender esse segmento da população, mas cada vez mais essa parcela influenciará na plataforma dos candidatos a cargos eletivos, seja na defesa de postos de trabalhos, seja na busca de uma melhor rede pública de saúde”, afirma Silva, da Indicator GfK.

Pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU) mostra que a terceira idade já afeta o crescimento, os investimentos, o consumo, o mercado de trabalho, a previdência social e a saúde pública de forma positiva nos países desenvolvidos. Na arena política, os idosos já conquistaram poder importante e podem influenciar as eleições. O relatório concluiu que os mais velhos assistem mais aos telejornais, lêem mais os jornais e votam com mais frequência do que os jovens.

“Essa geração de idosos é de vanguarda nas conquistas sociais. Por ser um grupo im-

portante na pressão eleitoral, obtiveram ganhos relevantes”, analisa Marcelo Neri.

O Brasil tem atualmente 15 milhões de pessoas na terceira idade (14% da população adulta), um número três vezes maior do que o verificado há quatro décadas. Nos últimos dez anos, o número de pessoas com mais de 60 anos cresceu três vezes mais do que a população total (47%, contra 15,7%).

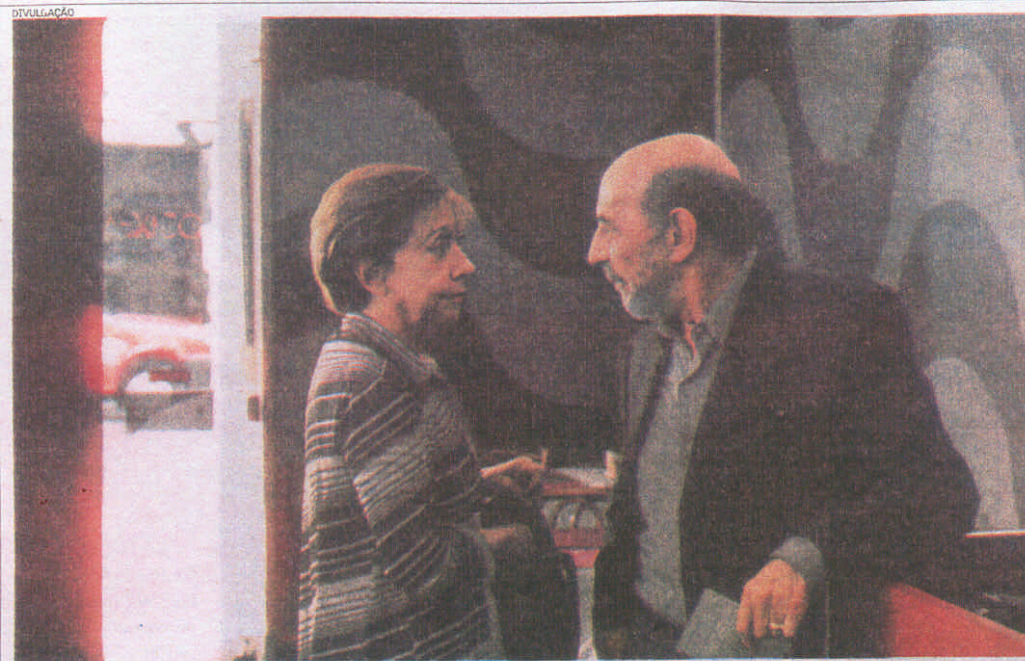
A redução da taxa de natalidade em consonância com a queda da mortalidade promoveu um processo de envelhecimento da população. No início do século XX, um brasileiro vivia em média 33 anos. Em 2001, a expectativa de vida subiu para 68,6 anos. Entre 1960 e 1980, observou-se, no país, uma queda de 33% na fecundidade. Haverá, assim, uma mudança da população jovem na estrutura social brasileira, em contraposição ao aumento do papel da terceira idade no mercado consumidor. Segundo especialistas, o número de crianças de até nove anos — que hoje representa 32 milhões de brasileiros — cairá cerca de um milhão em 2010.

O Brasil abandona, desta forma, a imagem

de país jovem, com um formato de pirâmide em sua demografia — base larga, representando os jovens, e topo estreito, representando os idosos — para se aproximar do formato de retângulo na vertical — base e topo equivalentes — característico de países maduros. “Com a mudança de hábitos e melhor preparo para uma aposentadoria mais tranqüila, esse segmento que já é atraente se tornará ainda mais interessante e será vital para a expansão de mercado das empresas”, projeta Ricardo Silva.

Nesta conjuntura, o Brasil será um país com perspectivas longevas. Em 2025, será o sexto mais envelhecido do mundo, com 15% de toda sua população idosa, ultrapassando os 30 milhões de pessoas. Em 75 anos, o país acumulará o maior crescimento entre todos os países do mundo, chegando a 1.514%. Os dados são da OMS. Ao lado do Brasil, outros oito países terão mais de 20 milhões de habitantes na terceira idade em seu quadro demográfico em 2050: China, Índia, Estados Unidos, Japão, Indonésia, Rússia, Alemanha e Paquistão.

De acordo com a ONU, a taxa de terceira idade mundial deve quadruplicar nos pró-



Fernanda Montenegro contracenou com **Raul Cortez**, protagonistas de **"O Outro Lado da Rua"**: filme retrata a mulher na terceira idade brasileira

ximos 50 anos, passando dos atuais 600 milhões de pessoas acima dos 60 anos para cerca de dois bilhões. Proporcionalmente, em cinco décadas cerca de 20% da população pertencerá à categoria de velhos. Diante dessas projeções, a terceira idade passa a ser vista como um processo e não como algo que acontece repentinamente. Isso dá uma grande margem para que as pessoas se preparem para envelhecer e invistam no futuro. As próximas gerações, portanto, deverão atingir essa fase com outros tipos de retaguarda financeira. **(leia na página 13)**

É verdade que o processo de envelhecimento no Brasil tem sido bem mais rápido do que em outros tempos e países. A Suécia demorou 80 anos para que 14% de sua população atingisse a faixa superior a 65 anos. Na França foram necessários 115 anos para que a proporção do grupo da terceira idade crescesse de 7% para 17%. A América Latina levou as duas últimas décadas para alcançar a marca sueca.

"O grande ponto de destaque é que este segmento ainda é pouco explorado por parte das empresas. Assim, suas demandas não são atendidas, pois no mercado há carência de produtos voltados para suas necessidades. Vale lembrar que 68% das pessoas deste segmento influenciam no processo de compra de seus lares", observa Ricardo Silva.

Um aspecto importante neste cenário é que o sexo feminino tem e terá influência maior nos hábitos de consumo nas famílias do que os homens. O trabalho da Indicator GFK verifica que as idosas são responsáveis pela manutenção de 25% dos lares nacionais, o que signi-

fica 47 milhões de domicílios. Sessenta e oito por cento disseram ser responsáveis pelas decisões de compra da família. "Esse mercado será o palco de grandes disputas de negócios nos próximos anos, e ele será vital para a consolidação de mercados e empresas no cenário econômico nacional e global", observa Silva.

No entanto, dos entrevistados pela Indicator GFK, apenas 45% têm plano de saúde. Isso significa que o crescimento da terceira idade impacta nas políticas públicas — mais da metade dos idosos depende dos serviços de saúde do governo. A questão da previdência, pública como privada, terá influência na vida da terceira idade. Hoje 1,3% vive com aposentadoria privada e 86% não considera esta hipótese, o que indica um enorme mercado potencial para os jovens.

Pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Administração (FIA/USP), intitulada "Perfil do Consumidor do Futuro", detectou, de fato, que os idosos são um ótimo nicho e ainda pouquíssimo explorado no Brasil. "Essa população quer viver com qualidade de vida e tem dinheiro para gastar", diz Renata Giovanezzo, pesquisadora da FIA.

O estudo do Programa do Futuro revelou que 86% das empresas de construção pretendem investir neste segmento até 2010, seguidas das de educação (79%), das do turismo (71%), lazer (71%), aposentadoria privada (69%), cosméticos (12%), entre outras.

"Quando se pensa no idoso, se pensa em alguém que frequenta bailes ou que está sempre no bingo. É puro mito. Poucos são os idosos que realizam estas atividades, res-

pectivamente 8% e 5%. Eles preferem ir à igreja e caminhar, bem como viajar. Mais da metade dos idosos viajam, em média, três vezes ao ano, sendo que cada viagem dura aproximadamente dez dias", diz Silva.

Para ele, as empresas estão descobrindo como falar com esse segmento sem separá-lo do restante da população, pois os idosos não têm a intenção nem o desejo de serem colocados à parte da população. "Logo não deve-se rotular o idoso, deve-se antes de mais nada compreendê-lo e conhecê-lo de forma a atender da melhor forma a necessidade desse mercado."

Especialistas dizem que as pesquisas de mercado, que descartam as opiniões dos maiores de 60 anos, devem rever seus conceitos, pois anulam parcela da população que se revela importante nas decisões da casa. A Indicator GFK diz que os idosos têm caráter de formadores de opinião, com influência em toda a família. Do total de gastos de todas as pessoas consultadas, 45% são com as despesas de lazer e diversão, 24% são com alimentação, 10% com remédios, 9% com planos de saúde, 6% com energia elétrica e 6% com telefone.

Um dado que indica o aumento do consumo dos idosos é que ao longo dos últimos 15 anos, eles enfrentaram não só um aumento de renda, como uma elevação da inflação na comparação com outros segmentos da sociedade de consumo.

"Verificamos inflação de demanda de 19% acima da detectada na população geral", comenta Marcelo Neri, responsável pela criação do índice de inflação dos idosos da FGV. "A idéia é que o poder de ganho de compra das aposentadorias e pensões dos idosos pode ter favorecido um aumento maior do preço dos bens por eles consumidos, como remédios e planos de saúde."

Além do giro de renda, a pesquisa da Indicator GFK identificou que os idosos têm papel relevante com suas "contribuições invisíveis", não necessariamente para a economia. São colaborações de forma geral para a família e amigos. Quarenta e sete por cento dos entrevistados cuidam de crianças ou netos. Essas atividades implicam a liberação dos pais para trabalharem, o que colabora não apenas para a economia dessas famílias como para o desenvolvimento da economia nacional.

Assim como na comédia "Matadores de Velhinhas", dos Irmãos Coen, os idosos devem levar a melhor, apesar das muitas adversidades a serem enfrentadas. No longa em cartaz no Brasil, uma senhora descobre um plano criminoso, o que faz com que os ladrões tenham que eliminá-la de qualquer maneira. Mas nem um personagem encarnado por um dos maiores astros de Hollywood, Tom Hanks, consegue. O destino dos idosos é vitorioso.



O engenheiro Paulo Lousada, que já percorreu o Brasil em seu jipe: "A terceira idade foi a mais beneficiada nas questões afirmativas do Brasil a partir dos anos 90", diz Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas

Tempo é dinheiro na previdência privada

Mara Luquet
Para o Valor

Qualquer programa de previdência precisa de dois ingredientes básicos: tempo e dinheiro. Quanto mais você tiver um, menos precisará do outro. Assim, se você começou a pensar na sua aposentadoria antes dos 30 anos, tenha certeza de que não precisará de esforço para acumular o necessário para viver confortavelmente.

Mas se já passou dos 40, não se desespere. Ainda há tempo. Certamente precisará fazer aportes maiores, mas observe que há recursos que poderão ajudá-lo a fortalecer sua carteira, como o fundo de garantia (que você pode sacar quando estiver aposentado), os bônus anuais (há expectativa de crescimento econômico para os próximos anos, o que poderá aumentar seus bônus). E também há a possibilidade de vender um de seus imóveis ou um de seus carros para deixar a carteira de investimento para a aposentadoria mais robusta. Por fim, haverá sempre a possibilidade de

adiar a data de aposentadoria ou, ainda, iniciar uma segunda carreira, que exija apenas parte de seu tempo.

Este é o novo mundo dos aposentados. Muitas foram as mudanças nos últimos anos. A mais evidente é que já não é mais possível contar com a previdência oficial para custear a aposentadoria. No entanto, há várias outras. Número crescente de pessoas vai passar mais tempo na aposentadoria do que trabalhando. Por duas razões: as pessoas estão se aposentando mais cedo e vivem mais.

Além disso, as transformações econômicas por que passa a economia brasileira acabaram por deixar muitos jovens com grandes dificuldades para se colocar no mercado de trabalho. O que indica que filhos precisarão viver mais tempo sob o teto mantido pelos pais.

Um estudo do Ipea, coordenado por Ana Maria Camarano em 1999 ("Como Vai o Idoso Brasileiro?"), diz que o idoso está hoje em melhores condições de vida do que a população mais jovem: ganha mais, parcela maior tem casa própria e contribui signifi-

cativamente para a renda familiar. Nas famílias chefiadas por idosos, encontra-se proporção expressiva de filhos morando na mesma casa. O número desses dependentes tende a crescer com o passar do tempo.

Em relação a 1970, observaram-se melhoras expressivas no nível de renda da população idosa. Em 1970, 20% dos homens idosos não tinham rendimento; nos anos 90, eram 2,4% os que se encontravam nessa situação. Entre as mulheres, as mudanças foram ainda mais significativas. Cerca de 87% das idosas não recebiam rendimento em 1970; essa proporção caiu para 17% na segunda metade dos anos 90.

A previdência é o sistema pelo qual você transporta sua renda de hoje para o futuro. Analistas estimam que você precisará de 70 a 80% do seu salário para viver durante a aposentadoria. No passado, era o setor público o principal agente desta operação. Hoje, é o sistema privado. Há vários instrumentos. As estrelas são as aplicações que contam com o benefício fiscal (os PGBLs e os VGBLs), o que é importantíssimo no longo prazo. No entanto, atenção. O custo dessas aplica-

ções (taxa de administração e carregamento) em vários casos acaba com toda a atratividade do investimento.

Os fundos de investimento são instrumentos importantes para qualquer carteira, mas também é importante avaliar os custos dessas aplicações. Marcelo D'Agosto, sócio da Fortuna, empresa especializada no acompanhamento de fundos de investimento, chama a atenção para os fundos de renda fixa DI, os mais conservadores, nos quais os abusos são mais gritantes. Há carteiras em que a taxa pode chegar a ultrapassar 4%. Com um pouco de pesquisa, você encontrará carteiras excelentes, geridas por nomes de primeira linha e que cobram de 0,5 a 1%. Essa diferença de três pontos percentuais vai para seu bolso e no longo prazo vai fazer enorme diferença.

O maior aliado de seus investimentos para a aposentadoria, porém, é o mercado de ações. Elas são importantes para a poupança de longo prazo. Na fase de acumulação, a parcela de ações pode ser de 30 a 40% de sua carteira total de investimentos, segundo os analistas. Depois de a pessoa aposentar-se, a proporção deverá cair para 20%.

É importante observar um princípio básico, no caso das aplicações em ações, segundo alguns analistas: a carteira deve contemplar as chamadas ações de crescimento,

aquelas que têm maior potencial, e as ações de valor, que são papéis de grandes empresas já estabelecidas em seus mercados e que pagam dividendos regularmente. Na fase em que se está acumulando para a aposentadoria, a parcela maior deverá ser de ações de crescimento. Para quem já se aposentou, os analistas dizem que a maior parcela deverá ser de ações de valor.

O maior inimigo de seus investimentos é a inflação. Mesmo em economias desenvolvidas, com moeda forte e taxas de inflação em patamares extremamente baixos, esta é uma ameaça constante. Isso, porque no longo prazo a ação dos juros compostos pode ser devastadora. Contra a inflação não há mágicas; o remédio chama-se ganho real. Ou seja, seus investimentos precisam ter rendimento sempre superior à taxa de inflação do período.

Observe, contudo, que este ganho real deverá sempre ser analisado sob a ótica de sua carteira global de investimentos e não apenas das aplicações financeiras. Mesmo bens imóveis, objetos de arte, jóias, fazendas, enfim, tudo que compõe o seu patrimônio tem um valor que oscila regularmente, que deve ser acompanhado. É fundamental saber se seu patrimônio está se valorizando e, principalmente, se ele está ganhando da inflação.

Visão de Futuro

Setores que aumentarão foco na terceira idade

Construção civil	86%
Educação	79%
Turismo	71%
Lazer	71%
Aposentadoria privada	69%
Alimentação	21%
Saúde e serviços médicos	21%
Bens duráveis	14%
Transportes	12%
Cosméticos	12%
Seguros	05%
Bancos e setor financeiro	04%

Fonte: Programa de Estudos do Futuro — Pesquisa Delphi-Perfil do Consumidor do Futuro

Papéis na mão, dinheiro no bolso

Catherine Vieira

Do Rio de Janeiro

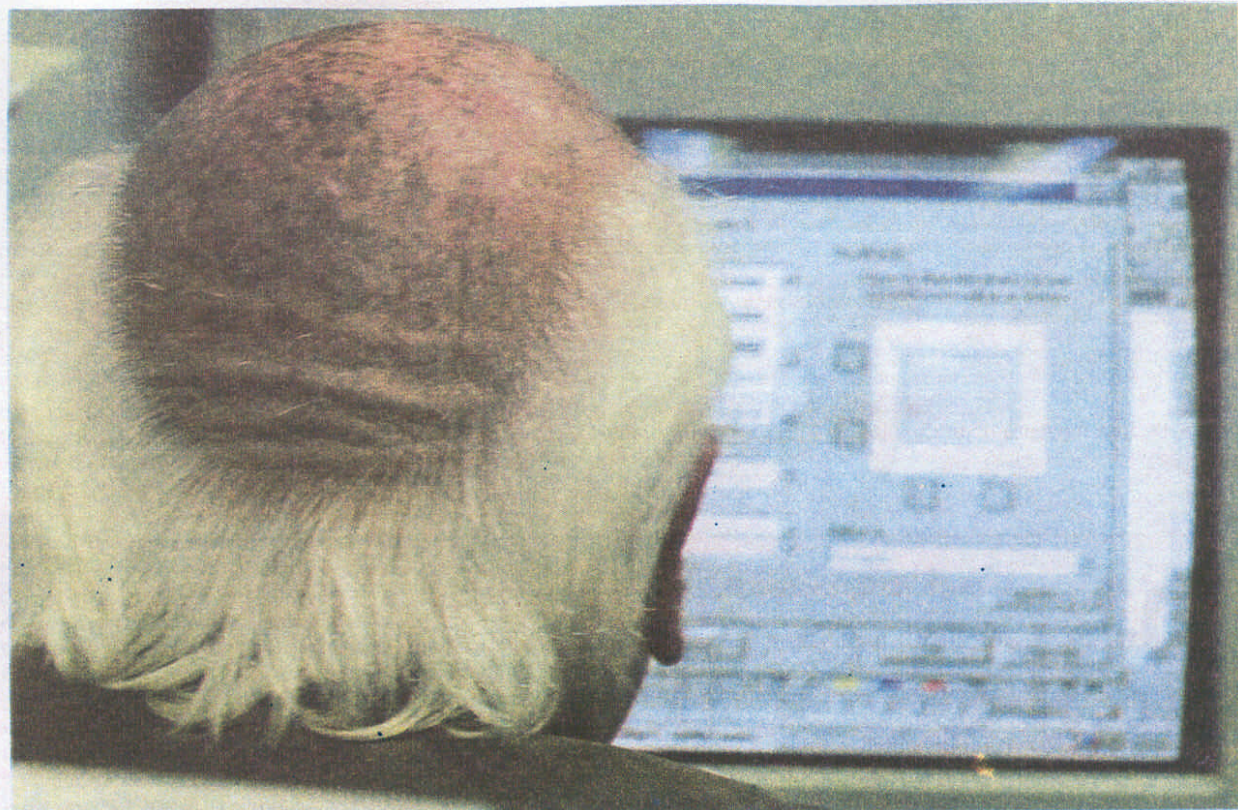
Nem planos de previdência, nem caderneta de poupança. Um grupo de clientes de uma corretora carioca, todos com idade acima de 75 anos, descobriu uma alternativa que tem sido muito mais eficaz para multiplicar seus rendimentos: comprar e vender ações. É o caso das aposentadas Cléa Silva, 76; Zildett Dantas, 82; Edith Arruda, 82; e Emelindo Tozzato, 82. Sem as valiosas ações que vêm comprando há décadas, Edith e Emelindo jamais teriam conseguido manter, mesmo aposentados há tanto tempo, o bom padrão de vida que tinham quando ainda trabalhavam. Já para Cléa e Zildett, o mercado de capitais significou muito mais do que isso. Com suas análises certeiras, puderam construir patrimônios de considerável substância, que dificilmente teriam amealhado apenas com seus salários.

Como professora aposentada, moradora da Tijuca, zona norte do Rio, Cléa ganhava pouco, mas, "por sorte", como diz, seguiu a sugestão de um conhecido e, ainda na década de 60, comprou ações de empresas negociadas na Bolsa. Não tinha muito para aplicar, mas aquele pouco logo cresceu e ela vislumbrou ali a maneira de realizar seu maior desejo: conhecer o mundo. Começou a prestar atenção nas empresas, para escolher melhor. Com algum auxílio de seu corretor na Égide (pela qual opera) e confiando na própria sensibilidade, ela aumentou o bolo aplicando em companhias sólidas e resistindo a "dicas do momento". Resultado: já visitou o Oriente Médio, os

Idosos fazem aula de hidroginástica: salto de centenários no planeta deve pular de 180 mil em 2000 para 3,2 milhões em 50 anos; chegar aos 100 anos vai ser 1.700% mais fácil

PATRICIA SANTOS/FOLHA IMAGEM





É possível construir um bom patrimônio com ações, desde que não se tenha pressa: virão depois os dias de sossego, com tempo livre também para acompanhar o mercado pelo computador

EUA e a Europa várias vezes e vive tentando explicar qual foi a fórmula mágica que encontrou para conseguir tudo isso. "Ninguém entende como é possível", disse.

Moradora de Copacabana, Zildett parece ser apenas mais uma clássica senhora, entre as tantas que o bairro abriga. Mas, apesar dos cabelos completamente grisalhos, continua ousada na forma de fazer suas operações em Bolsa. Especuladora assumida, admite que gosta de emoções fortes. Até há pouco tempo, praticamente não investia mais no mercado à vista e divertia-se mesmo no mercado de opções, indicado apenas para investidores ultra-agressivos, por seu alto risco. Com uma dose de sensatez, deci-

diu parar, porque sabe que os perigos desse mercado não são indicados para alguém da idade dela, que não está em condições de recomeçar a construir um patrimônio a partir do zero. Mas, parou também porque já ganhou dinheiro suficiente para comprar não um, mas três bons apartamentos na caríssima zona sul carioca, sem abrir mão de uma polpuda carteira de ações.

Cléa e Zildett, assim como Edith e Ermelindo, admitem que já tiveram suas perdas no mercado acionário. Contudo, ao longo de quase quatro décadas, ganharam muito mais do que perderam, porque souberam escolher empresas que não necessariamente tinham a ver com dicas do momento, co-

mo as boas e velhas Vale do Rio Doce, Banco do Brasil e Petrobras. E é por isso que, mesmo após os 75 anos, não conseguem deixar o mercado de lado e mantêm em suas carteiras um percentual muito maior do que os especialistas indicam para esse momento da vida.

Segundo consultores, as ações são instrumentos fantásticos na hora de acumular. Quando, porém, a aposentadoria avança, o melhor é garantir o que já foi conseguido, deixando praticamente todo o dinheiro nas aplicações sem risco. Para as mulheres, a dica vale em dobro, porque, como se sabe e se comprova pelo grupo, elas vivem mais, na média.

Até que enfim é sexta-feira.
Seus amigos agradecem.

Aprecie com moderação.



THIS IS THE
CHIVAS
LIFE